

Medo é principal problema de saúde entre moradores

Stress, tremores, fobia e pânico são consequência direta do clima de violência na favela

RIO — O maior problema de saúde dos moradores da favela de Vigário Geral é a violência. O diagnóstico foi feito por uma equipe de profissionais da Médicos Sem Fronteiras, entidade internacional que atua em mais de 30 países em casos de grandes catástrofes naturais, guerras e graves violações dos direitos humanos.

Há um mês, a equipe, formada por um pediatra, um assistente social, uma psicóloga, um dentista, uma enfermeira e, mais recentemente, um psiquiatra, vem atuando na favela, palco da chacina que vitimou 21 pessoas em agosto de 1993. Os profissionais atendem quatro vezes por semana na Casa da Paz, coordenada pelo sociólogo Caio Ferraz, responsável pela articulação do convênio com a entidade internacional. Os Médicos Sem Fronteira contam com verba de US\$ 250 mil da Comunidade Econômica Européia para três anos de trabalho.

Tremores, stress, fobia, pânico e, até mesmo derrames cerebrais, são alguns dos distúrbios que a violência exacerbada da favela causa em seus moradores. Impressionados com os efeitos colaterais apresentados pelos moradores de Vigário — que convivem diariamente com as ações de traficantes, incursões da polícia e, sobretudo, com o fantasma da chacina —, os profissionais da Médicos Sem Fronteiras estão estudando a possibilidade de oferecer, a partir de março, atendimento psiquiátrico aos moradores da favela. Atualmente, a equipe presta atendimento médico e odontológico a cerca de 30 crianças por dia e promove, semanalmente, encontros de mães e adolescentes, sob a coordenação da psicóloga Cynthia Ozon Boghossian.

A principal dificuldade enfrentada pela equipe, segundo o coordenador da entidade no Brasil, o economista belga Michel Lotrowska, é o fato de as pessoas atendidas continuarem vivendo em um local de conflito. "Normalmente, atendemos psicotraumatizados que já estão longe das áreas de guerra ou catástrofe", explica Lotrowska, que trabalhou em Moçambique entre os anos de 1987 e 1990, época da luta pela independência daquele país. "A violência é um problema estrutural da comunidade; isso complica todo o trabalho preventivo", atesta o sociólogo Caio Ferraz, que acompanha de perto as ações dos profissionais.